

## CAPÍTULO I

### POR QUE PSICOLOGIA?

#### Uma Questão Introdutória

Quando concebi o plano de escrever este livro, imaginei, embora não adequadamente, quanto esforço me custaria realizá-lo e o que exigiria de um possível leitor. E perguntei a mim mesmo, não retórica, mas muito honesta e sinceramente, se esse esforço por parte do autor e do leitor seria justificado. Eu não estava tão perturbado pela idéia de escrever *mais um* livro de psicologia, além dos muitos que foram publicados nos últimos dez anos, quanto pela idéia de escrever um livro sobre *psicologia*. Escrever um livro para publicação é um ato social. Seria justo uma pessoa pedir a cooperação da sociedade para esse empreendimento? Que proveito pode a sociedade, ou, quando muito, uma pequena fração dela, obter com isso? Tentei dar uma resposta a estas perguntas e quando agora, depois de ter completado o livro, retorno a este primeiro capítulo, acho que a resposta que então me deu suficiente coragem para iniciar a longa jornada permaneceu comigo o tempo todo, até ao último instante. Acreditei ter encontrado uma razão pela qual um livro sobre psicologia pode acarretar algum bem. A psicologia dividiu-se em tantos ramos e escolas, ignorando-se ou combatendo umas às outras, que até uma pessoa não informada pode ficar com a impressão — certamente corroborada por publicações tais como *Psychologies of 1925* e *Psychologies of 1930* — nas quais o plural “psicologias” deve ser substituído pelo singular.

A psicologia tem sido mimada nos Estados Unidos, onde goza há muitos anos de grande popularidade, embora me pareça que seu prestígio conheceu algum declínio e pode estar ainda sujeito a novos fluxos e refluxos; na Inglaterra, o país da mudança conservadora, ela teve um acolhimento tão frio quanto qualquer outra inovação ruidosa e surpreendente, mas, gradualmente, foi ganhando terreno e, segundo

creio, ainda continua a ganhá-lo; na Alemanha, onde a psicologia experimental nasceu e teve seu primeiro período de rápida expansão, houve logo depois uma forte reação que, de modo muito definitivo, manteve a psicologia "no seu lugar".

Confesso que hoje sinto muito menos animosidade em relação aos inimigos ativos da psicologia — ou, entre eles, com relação aos sérios e honestos — do que quando era mais jovem.

A comparação da psicologia, tal como ela é hoje, com outros ramos do conhecimento humano, suscitou em meu espírito a seguinte questão: que contribuição deu a psicologia, através do esforço muito extenso e intenso dos homens e mulheres que dedicaram a ela o trabalho de suas vidas?

Nenhum estudante de Filosofia pode deixar de ter uma noção dos grandes e profundos problemas que assediaram o espírito de nossos maiores pensadores, desde a Antiguidade até os tempos modernos; nenhum estudante de História pode ignorar as terríveis forças humanas consumidas na construção e destruição de impérios e que se combinaram para criar o mundo em que vivemos neste momento; nenhum estudante de Física poderá ser aprovado em seu exame final sem possuir certa compreensão da crescente racionalização de nossos conhecimentos sobre a natureza ou da inexorável exatidão dos métodos experimentais; e nenhum estudante de Medicina deixará seu curso sem ter aprendido o que é o pensamento generalizado e que belos e poderosos resultados este pode obter. Mas o que poderemos dizer do estudante de Psicologia? Deverá, no final de seu curso, ter aprendido a compreender melhor a natureza do homem e das ações humanas? Eu não daria, imediatamente, uma resposta afirmativa a essa pergunta. Mas não me senti justificado para escrever um livro sobre o assunto antes de ter uma resposta para a questão: o que é que um estudante de Psicologia poderá ganhar através do seu curso; em que é que, em termos mais gerais, a Psicologia pode contribuir para o imperecível patrimônio da raça humana.

## Fatos e Teorias

Ninguém pode acusar a psicologia de ter descoberto poucos fatos. Um psicólogo que conhecesse todos os fatos que têm sido trazidos à luz e esclarecidos por métodos experimentais saberia, de fato, muitíssimo. E tal conhecimento é hoje considerado um objetivo legítimo *per se*. "Descubra fatos, fatos e mais fatos; quando você estiver seguro de seus fatos, tente construir teorias. Mas os seus fatos são o mais importante." Este *slogan* expressa o credo de uma filosofia hoje amplamente aceita. E, com efeito, parece muito plausível. De um lado estão os fatos objetivos, independentes do cientista que os

investiga; do outro, estão suas hipóteses, suas teorias, puros produtos de sua mente. Como é natural, devemos atribuir mais valor aos primeiros do que aos segundos. Em psicologia, esse ponto de vista pode exigir uma justificativa particular. Afinal, antes do início de nossa era, esta ciência consistiu num certo número de teorias simples e abrangentes, e de muito poucos fatos cientificamente verificados. Com o advento do experimentalismo, foram descobertos cada vez mais fatos, que destroçaram as velhas teorias. Só quando a psicologia decidiu converter-se numa ciência em busca de fatos é que ela começou realmente a ser uma verdadeira ciência. Do estado em que sabia pouco e imaginava muito, a psicologia avançou para um estado em que sabe muito e fantasia pouco — pelo menos conscientemente e com um propósito, se bem que, sem dar por isso, ela contenha mais fantasia do que o percebem muitos psicólogos. Para avaliar esse progresso, temos de examinar o que significa saber muito. O adágio latino *multum non multa* distingue entre dois significados da palavra “muito”. O que é rejeitado em favor do outro é puramente quantitativo. De acordo com o segundo significado, uma pessoa que sabe vinte itens conhece dez vezes mais coisas que uma pessoa que sabe apenas de dois itens. Mas, noutro sentido, a segunda pessoa, se conhecer esses dois itens em sua relação intrínseca, de modo que já não sejam dois, mas um só com duas partes, sabe muito mais do que a primeira, se esta conhecer apenas vinte itens em pura agregação. Embora, do ponto de vista de *multa*, essa pessoa fosse superior, ela seria inferior do ponto de vista de *multum*.

Agora, quando observo o desenvolvimento da ciência, parece-me que ela começou se encontrando e, por conseguinte, ingressando numa nova época, durante a Renascença, iniciou a busca do *multum*, em vez de ficar buscando *multa*. Desde então, a ciência tem-se esforçado continuamente por reduzir o número de proposições de que podem ser derivados todos os fatos conhecidos. Nesse empreendimento, ela vem acumulando sucessivos êxitos e, graças a seu novo método, tem descoberto cada vez mais fatos que, caso contrário, nunca se tornariam conhecidos; simultaneamente, rejeitou como fantasiosos muitos conhecimentos que eram tomados como fatos, e alterou o *status* sistemático de muitos outros fatos. É um “fato” que os corpos pesados caem mais velozmente que os leves, como qualquer pessoa pode verificar deixando cair um lápis e uma folha de papel. Mas é um fato complexo, não um fato simples, ao passo que este último nos diz que todos os corpos caem com a mesma velocidade no vácuo. Deste fato científico pode ser derivado o fato cotidiano, mas não o inverso. Portanto, o próprio conceito de fato torna-se problemático.

Podemos considerar o progresso da ciência um constante aumento no número de fatos conhecidos. Logo, chega-se a uma posição em que muitos conhecimentos significa o conhecimento de *multa*. Mas

também é possível um aspecto muito diferente do progresso científico: a crescente simplicidade — não, é claro, no sentido de que é cada vez mais fácil aprender, mas no sentido de que, para quem o dominou, o sistema da ciência tornou-se progressivamente um todo coeso e unitário. Ou, por outras palavras, a ciência não é comparável a um catálogo, em que todos os fatos são enumerados de acordo com um princípio arbitrário, como os livros numa biblioteca, pela ordem alfabética de seus autores; a ciência é *racional*; os fatos e sua ordem são uma só e a mesma coisa; não existem fatos sem ordem; portanto, se conhecermos profundamente um fato, saberemos muitíssimos mais fatos a partir do conhecimento daquele. Deste ponto de vista, grande parte do conhecimento é conhecimento de *multum*, do sistema racional, da interdependência de todos os fatos.

### A Ciência e as Ciências

É claro, a ciência jamais consegue alcançar sua meta. Em qualquer momento de sua história existe e existirá sempre um hiato entre seu ideal e suas realizações concretas. O sistema nunca está completo, existem sempre fatos recém-descobertos que se somam aos antigos e desafiam a unidade do sistema. Embora isso seja evidente no âmbito de qualquer ciência, individualmente considerada, torna-se ainda mais óbvio quando consideramos a variedade de diferentes ciências. Todas elas surgiram de uma só matriz comum. O primeiro impulso científico não foi dirigido para diferentes grupos especiais de tópicos, porquanto foi universal. Em nossa terminologia atual, podemos dizer que a filosofia é a mãe de todas as ciências.

A progressiva especialização marcou o progresso científico, e a nossa ciência — a psicologia — foi a última a conquistar sua independência. Essa separação e especialização era necessária, mas atuou forçosamente contra a finalidade de unificação do conhecimento. Se um número de ciências separadamente estabelecidas se desenvolveu, cada uma delas dotada de coesão intrínseca, então qual é a relação mútua entre todas elas? Como pode um *multum* surgir desse *multa*? Que essa tarefa deve ser realizada decorre da própria função da ciência. Eu sou o último a ver o valor da ciência em suas aplicações práticas. A explicação da mudança de linhas espectrais provenientes de estrelas a milhões de anos-luz de distância é, a meus olhos, um triunfo muito maior de ciência do que a construção de uma nova ponte com um vão recorde ou a transmissão de imagens por sobre os oceanos. Mas, apesar de tudo, não creio que a ciência possa ser legitimamente considerada o jogo de um número relativamente escasso de pessoas que se comprazem nele e dele fazem seu modo de vida e subsistência. Em certo sentido, a ciência não pode ser inteiramente divorciada da conduta.

## Ciência e Conduta

A conduta, é claro, é possível sem ciência. Os seres humanos executavam suas tarefas cotidianas muito antes de ter cintilado a primeira centelha de ciência. E, hoje, existem muitos milhões de pessoas cujas ações não são determinadas por algo a que se possa dar o nome de ciência. Entretanto, a ciência não pôde deixar de exercer uma crescente influência sobre o comportamento humano. Descrever essa influência, em suas linhas gerais, projetará nova luz sobre a ciência. Exagerando e esquematizando as diferenças, podemos dizer: no estágio pré-científico, o homem comportava-se numa situação como a situação lhe dizia que se comportasse. Para o homem primitivo, cada coisa diz o que é e o que se deve fazer com ela: Um fruto diz, "Come-me"; a água diz, "Bebe-me"; o trovão diz, "Teme-me", e a mulher diz, "Ama-me".

Este mundo é limitado mas, até certo ponto, controlável; o conhecimento é direto e não-científico, em muitos casos perfeitamente verdadeiro mas, em muitos outros, irremediavelmente errado. E o homem, lentamente, descobriu os erros em seu mundo original. Aprendeu a desconfiar do que as coisas lhe diziam e, gradualmente, esqueceu a linguagem das aves e das pedras. Em vez disso, desenvolveu uma nova atividade a que chamou pensamento. E essa nova atividade acarretou-lhe grandes vantagens. Podia refletir sobre as conseqüências de eventos e ações; e, por conseguinte, logrou emancipar-se do passado e do presente. Graças ao pensamento, criou conhecimentos, na acepção do saber científico, conhecimentos que já não eram de coisas individuais, mas de universais. O conhecimento, portanto, tornou-se cada vez mais indireto e a ação, na medida em que perde sua orientação direta pelo mundo de coisas, tornou-se cada vez mais intelectualizada. Além disso, o processo de pensar tinha destruído a unidade do mundo primitivo. O pensamento desenvolvera categorias ou classes, e cada classe tinha suas características, modos de comportamento ou leis próprias. Contudo, as situações concretas que exigem decisões e ações prontas não cabem em apenas uma dessas classes. E, assim, a ação, para que pudesse ser dirigida pelo conhecimento científico, tinha de sujeitar-se a um complexo processo de pensamento; e, com bastante freqüência, esse processo não foi capaz de indicar uma decisão clara. Por outras palavras, ao passo que o mundo homem primitivo havia diretamente determinado sua conduta, dissera-lhe o que era bom, o que era mau, o mundo científico provou ser amiúde um fracasso, quando se tratou de responder a tais questões. A razão parecia revelar a verdade, mas uma verdade que não dava orientação alguma para a conduta; entretanto, a procura dessa orientação mantinha-se e tinha de ser satisfeita. Assim acabou surgindo, por fim, o dualismo de ciência e religião, com suas

?

O super-homem racionalista  
controlador da natureza

conhecimento racional  
versus

conhecimento natural

várias fases de teoria de dupla verdade, azeda inimizade e sentimentalização da ciência, umas tão insatisfatórias quanto outras.

### O Perigo da Ciência

Será a tragédia da raça humana que, a cada conquista que faz, tenha de pagar um preço que, freqüentemente, parece maior do que o ganho obtido? Devemos pagar a ciência à custa da desintegração de nossa vida? Devemos negar nos dias de semana aquilo que professamos aos domingos? Como artigo de fé pessoal, creio que não existe um imperativo tão inexorável. A ciência, ao construir sistemas racionais de conhecimento, teve de selecionar aqueles fatos que se submetiam mais facilmente a tal sistematização. Esse processo de seleção, em si mesmo do maior significado, envolve o abandono ou rejeição de certo número de fatos ou aspectos. Desde que os cientistas saibam o que estão fazendo, esse procedimento não envolve grandes perigos. Mas, na empolgação do seu êxito, a ciência é capaz de esquecer que não absorveu todos os aspectos da realidade e poderá negar a existência daqueles que negligenciou. Assim, em vez de ter em mente a questão que deu origem a toda a ciência, "o que é Deus, o que somos nós...", cobre-a de ridículo e considera sobreviventes atávicos os homens e mulheres que persistem em formulá-la.

Essa atitude, cuja necessidade e mérito históricos claramente descortino, deve ser rejeitada, não pelo fato de ser hostil à religião, mas porque, se for sistematicamente mantida, bloqueará o progresso da própria ciência, fechando ao seu avanço as portas que levam à mais essencial de todas as questões. Em minha opinião, nenhuma porta deve ser fechada à ciência; não quero dizer com isto que a ciência de ontem ou de hoje seja capaz de responder às interrogações fundamentais, como tantos radicais, homens com os melhores motivos, parecem pensar. O que eu acredito, ao contrário, é que a ciência, cônsua de suas imperfeições, deve tentar ampliar gradualmente sua base, de modo a incluir cada vez mais fatos que, no começo, achou necessário excluir e, por conseguinte, equipar-se cada vez melhor para responder àquelas questões que não se pode negar à humanidade o direito de formular. Enquanto a ciência tiver uma concepção errônea de sua missão, ela estará sempre correndo o perigo de perder sua posição de independência e integridade. O usurpador ilegal de um trono sempre há de encontrar pretendentes ilegais. A denúncia do intelecto, que assumiu proporções tremendas em algumas partes do nosso mundo, com conseqüências de grande alcance, parece-me ser o resultado da atitude científica errada, embora ela própria não seja, por essa razão, menos errada. Reverterei a este tema em outro capítulo (Capítulo IX) e sublinharei apenas que a ciência, se seguir o rumo que indiquei brevemente, assumirá uma face diferente. Mas

espero que essa ciência ajude, de forma lenta mas segura, a recriar aquela unidade original que teve de destruir a fim de se desenvolver.

Portanto, uma ciência ganha em valor e significado não pelo número de fatos individuais que colige, mas pela generalidade e poder de suas teorias, conclusão que é justamente oposta ao enunciado com que principiou nossa discussão. Esse ponto de vista, entretanto, não menospreza os fatos, dado que as teorias são teorias de fatos e só podem ser testadas por fatos; elas não são especulações ociosas sobre o que poderia ser, mas θεωρίαι, isto é, reconhecimentos, intuições, do que é. Portanto, na minha apresentação da psicologia, enfatizarei o aspecto teórico; muitos fatos serão relatados, mas não como mera coleção ou uma exposição de fenômenos curiosos, comparáveis com as figuras de cera de Mme. Tussaud, e sim como fatos num sistema — tanto quanto for humanamente possível, não um sistema de minha particular predileção, mas o sistema a que eles intrinsecamente pertencem, isto é, como fatos racionalmente compreensíveis.

### **A Ciência Como Disciplina**

Contudo, semelhante procedimento não teria valor algum se negligenciasse outro aspecto da ciência, até aqui omitido da nossa análise, a saber, a maior exatidão possível no estabelecimento dos fatos. Graças a essa exigência de exatidão, a ciência liberta-se dos desejos pessoais do cientista. Uma teoria deve ser exigida por fatos; por seu turno, ela exige fatos e, se estes não se conformarem exatamente com a teoria, então esta é errada ou incompleta. Nesse sentido, ciência é disciplina. Não podemos fazer o que queremos, mas devemos fazer o que os fatos pedem. O êxito da ciência tende a envaidecer-nos, a tornar-nos presunçosos. Mas tal presunção é deslocada. O maior mestre é aquele que se comporta como o maior servo. Repetidas vezes sentimos, no progresso dos conhecimentos até que ponto somos suscetíveis de tropeçar, como é escasso o nosso poder de fazer conhecimentos e como devemos dar a nossos pensamentos tempo para que cresçam e amadureçam. Portanto, a busca de conhecimentos, em vez de tornar-nos orgulhosos e cheios de jactância, deve fazer-nos modestos e humildes.

### **Função da Ciência**

Em resumo: a aquisição do verdadeiro saber deve ajudar-nos a reintegrar o nosso mundo, que foi fragmentado; deve ensinar-nos a irrefutabilidade das relações objetivas, independentes de nossos desejos e preconceitos; e deve indicar-nos nossa verdadeira posição no mundo, fazendo-nos respeitar e reverenciar as coisas animadas e inanimadas que nos cercam.

## Função Especial da Psicologia

Isto é válido para todas as ciências. Que reivindicação especial pode a psicologia fazer? Ensinar-nos humildade? Mas que ciência poderá fazer isso melhor do que a astronomia e a astrofísica, que lidam com tempos e distâncias muito além do âmbito da nossa imaginação? E que ciência poderá disciplinar-nos melhor que a matemática pura, com sua exigência de provas absolutas? Poderemos então afirmar que a psicologia é particularmente adequada para a tarefa de integração e dar isto como resposta à questão por onde começamos? Creio que podemos, pois estamos, na psicologia, naquele ponto em que as três grandes províncias do nosso mundo se encontram, as províncias a que chamamos natureza inanimada, vida e mente.

### Natureza, Vida e Mente

A psicologia ocupa-se do comportamento dos seres vivos. Por conseguinte, como toda e qualquer ciência biológica, defronta-se com o problema da relação entre a natureza animada e a inanimada, quer esteja cônica ou não desse problema, quer se interesse ou não por ele. Mas, para o psicólogo, há um aspecto especial do comportamento — na linguagem comum, o mental — que se reveste de importância suprema. Não é este o lugar para discutir a consciência ou a mente como tal. Capítulos posteriores mostrarão o uso que fazemos desses conceitos. Mas não rejeitaremos em princípio uma distinção que impregna o nosso discurso idiomático, tanto quanto a nossa terminologia científica. Todos compreendemos o que se entende pela proposição de que um pugilista foi posto a K.O. e só recuperou a consciência seis minutos depois. Sabemos que, durante esses seis minutos fatais, o pugilista não deixou de viver, mas perdeu um aspecto particular do comportamento. Além disso, sabemos que a consciência, em geral, e cada função consciente específica, em particular, estão intimamente vinculadas a processos do nosso sistema nervoso central. Assim, o sistema nervoso central torna-se, por assim dizer, o ponto nodal em que mente, vida e natureza inanimada convergem. Podemos investigar a constituição química do tecido nervoso e não encontraremos um só componente que não possamos encontrar também na natureza inorgânica; podemos estudar a função desse tecido e veremos que tem todas as características do tecido vivo; e, finalmente, que existe essa relação entre a função vital do sistema nervoso e a consciência.

**REJEIÇÃO DE DOIS TIPOS DE SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS ENVOLVIDOS NESTA RELAÇÃO.** Quem afirmar que encontrou uma solução completa e verdadeira para nossos problemas expor-se-á à justa suspeita de ser um tolo ou um charlatão. Esses problemas têm ocupado os me-



lhores cérebros humanos durante milhares de anos e, portanto, é mais do que improvável que uma solução possa ser encontrada de algum outro modo que não uma lenta e gradual abordagem. O que penso sobre o modo de se fazer essa abordagem será também deixado para uma parte subsequente deste livro.

*Materialismo.* Mas rejeitarei aqui dois tipos de soluções que têm sido propostas. O primeiro é a solução no materialismo nu e cru, que ganhou grande ímpeto em meados do século passado e que encontrou sua expressão mais popular num livro que foi *best seller* por volta de 1900 e está hoje praticamente esquecido. Refiro-me a *Riddle of the Universe* (Enigma do Universo), de Haeckel. Ainda não sei ao certo se os Estados Unidos não estão sentindo ainda hoje o último refluxo dessa maré, que chegou às praias do Novo Mundo muito depois de a última vaga ter abandonado o Velho. Essa solução materialista é espantosamente simples. Ela afirma o seguinte: o problema é todo ele ilusório. Não existem três espécies de substância ou modos de existência, matéria, vida e mente; há apenas uma, que é a matéria, composta de um turbilhão de átomos que, por causa do seu imenso número e do longo tempo à sua disposição, formam todas as espécies de combinações, entre as quais se encontram aquelas a que chamamos seres animais e seres humanos. Pensamento e sentimento nada mais são do que movimentos de átomos. Interfira-se com a matéria do cérebro e veremos logo o que é que sobra da consciência. Embora eu tenha descrito esse ponto de vista em termos rudimentares, creio que o expressei adequadamente, sobretudo quando acrescento que essa concepção é não só uma convicção científica mas também — ou ainda mais — um credo e um desejo. É a revolta de uma geração que viu uma Igreja fortemente entrincheirada apegar-se com obstinação a dogmas que a ciência, crescendo como um jovem gigante, havia despedaçado — uma geração que, pelas aplicações bem sucedidas da ciência a problemas técnicos, tornara-se petulante e perdera aquele sentimento de reverência que deve acompanhar todo o verdadeiro saber. Assim como os bárbaros vitoriosos, fossem eles vândalos ou calvinistas, destruíam completa e apaixonadamente as criações mais caras a seus inimigos derrotados, também os nossos materialistas desenvolveram uma profunda aversão àquelas partes da filosofia humana que apontam além dos limites de suas estreitas concepções. Ser chamado de filósofo era um insulto e ser crente era pertencer aos párias intocáveis.

Ora, eu não alimento má-vontade contra esses homens, tanto mais que enxergo sua estreiteza de espírito e sua pequena estatura. Pois acredito que, apesar de tudo, eles exerceram uma atividade útil. Ajudaram a formar uma intelectualidade suficientemente forte, para fazer frente à interferência injustificada de uma Igreja reacionária, bem como para seguir seus próprios caminhos, produzindo uma nova

geração que se viu livre de restrições teológicas e que, portanto, não tinha interesses pessoais no caso.

Quanto ao materialismo em si mesmo, não é necessário, hoje em dia, refutá-lo. Acrescentarei apenas isto: a afirmação do materialista de que os problemas de relacionamento ou interação entre matéria, vida e mente estavam falsamente equacionados talvez se torne perfeitamente válida. O erro irremediável que os materialistas cometeram foi praticarem uma discriminação arbitrária entre esses três conceitos, no tocante à sua dignidade científica. Aceitavam um e rejeitavam os outros dois — dando como desculpa o êxito intrínseco e extrínseco da ciência e os absurdos da filosofia especulativa contemporânea — ao passo que cada um deles pode, como concepção, conter tanto da verdade fundamental quanto os outros, independentemente da fase de desenvolvimento que cada um possa ter alcançado, num dado momento.

*Vitalismo, Espiritualismo.* O outro tipo de solução que quero rejeitar aqui não nega a validade de nossos problemas; ao contrário, tenta solucioná-los mediante o estabelecimento de dois ou três domínios distintos da existência, cada um deles diferente dos outros pela presença ou ausência de um fator específico. Podemos discriminar três dessas tentativas: a primeira traça a linha divisória entre vida e espírito, estando a vida e a natureza inanimada reunidas no mesmo domínio (Descartes); o espírito, uma nova substância de origem divina, separa o homem do resto da criação. A segunda tentativa, por seu turno, reúne vida e espírito, considerando-os dirigidos por um poder que não se encontra na natureza inorgânica e, portanto, é essencialmente distinta desta (vitalismo). A terceira mantém-se fiel à tripla divisão e procura descobrir princípios ativos especiais em cada um desses três domínios (Scheler). Desses três pontos de vista, o vitalismo foi, de longe, o de maior importância, porque muitas tentativas meticulosas e altamente engenhosas foram feitas para estabelecê-lo como uma teoria verdadeiramente científica. O problema do vitalismo ocupar-nos-á, portanto, repetidas vezes, nas páginas seguintes. Por ora, explico apenas por que, desde o início, devo rejeitar inteiramente esse tipo de explicação. A resposta é bastante simples mas, sem um contexto mais amplo, parecerá algo insatisfatória. O tipo vitalista de solução não é uma solução, mas apenas uma nova denominação do problema. Ao fazê-lo, o vitalismo enfatiza o problema e é, nesse aspecto, muito superior ao materialismo cru. Mas, pretendendo que um novo nome seja uma solução poderia causar grandes danos à ciência, caso fosse amplamente aceito. Características do nosso tipo, nunca foi popular entre os cientistas, sobretudo entre os interessados mais de perto, os biólogos. Sempre exigiu

grande dose de coragem pessoal confessar-se vitalista e, portanto, prestemos nossa homenagem aos homens que estavam dispostos a sacrificar reputação e carreiras ao serviço de uma causa que eles consideravam a verdadeira.

INTEGRAÇÃO DE QUANTIDADE, ORDEM E SIGNIFICADO. Ao rejeitar esses tipos de solução, dei a entender a espécie de solução que nossa psicologia terá a oferecer. Ela não pode ignorar os problemas mente-corpo e vida-natureza; tampouco pode aceitar que esses três domínios do ser estejam separados entre si por abismos intransponíveis. É aqui que a qualidade integradora da nossa psicologia tornar-se-á manifesta. O materialismo tentou realizar um sistema simples, usando para sua interpretação do todo a contribuição de uma parte. Para que sejamos verdadeiramente integradores devemos tentar usar as contribuições de todas as partes na construção do nosso sistema. Observando as ciências da Natureza, da Vida e da Mente, poderemos extrair de cada uma delas um conceito específico e particularmente importante, ou seja: do primeiro, quantidade; do segundo, ordem; e do terceiro, significado (*Sinn*, em alemão). Assim, nossa psicologia deve ter um lugar para todos esses conceitos. Examinemo-los um por um.

*Quantidade e Qualidade.* A moderna psicologia científica foi iniciada pela quantificação. Demonstrou-se que as funções mentais podiam ser expressas em termos puramente quantitativos (Lei de Weber) e, desde então, o interesse quantitativo tem feito tanto dano quanto bem ao desenvolvimento posterior de nossa ciência. Por um lado, encontramos os que querem medir tudo, sensações, emoções, inteligência; e, por outro, os que negam que os verdadeiros problemas psicológicos sejam suscetíveis de tratamento quantitativo. Na minha opinião, essa famosa antítese de quantidade e qualidade não é, de maneira alguma, uma verdadeira antítese. Deve sua popularidade, em grande parte, a uma lamentável ignorância da essência da quantidade, tal como é usada na ciência física.

É certo que a ciência moderna começou com a medição quantitativa. O físico atual dedica os maiores esforços para que suas medições sejam cada vez mais apuradas; contudo, não medirá todas e quaisquer coisas, mas somente aqueles efeitos que, de algum modo, contribuam para a sua teoria. É impossível analisar aqui todas as funções da medição quantitativa na Física. Mas é justo dizer que a mera coleção de números nunca foi o ideal de um físico. No que ele está freqüentemente interessado, isso sim, é na distribuição de características mensuráveis num dado volume e nas mudanças sofridas por essas distribuições. Ambos os tipos de fatos que ele descreve por meio de equações matemáticas podem conter alguns números concretos, mas os abstratos são, de longe, os constituintes mais

importantes. E a fórmula matemática estabelece, primordialmente, uma *relação* definida entre esses números abstratos. Assim, a medição tem o papel de testar a validade da equação para o processo que se pretende descrever, isto é, da relação estabelecida. Tal relação, porém, já não é quantitativa na simples acepção em que qualquer número concreto o é; sua quantidade deixou de opor-se à qualidade. O equívoco surge quando se consideram apenas os fatos individuais com suas quantidades medidas, esquecendo-se o modo como se distribuem. Mas a segunda não é menos fátual que a primeira, e indica uma propriedade ou qualidade da condição ou processo em questão. Um simples exemplo ajudará a esclarecer este ponto: numa bolha de sabão, as forças de coesão entre as partículas de sabão fazem com que estas se congreguem o mais possível. São mantidas em equilíbrio pelo ar encerrado na membrana de sabão, cuja pressão aumentaria se a bolha se contraísse. Portanto, o sabão deve manter-se distribuído em toda a fronteira exterior de um volume de ar; e a distribuição será tal que ele ocupará o menor espaço possível. Como, de todos os sólidos, a esfera é a que tem o maior volume para uma dada superfície ou a menor superfície para um dado volume, o sabão distribuir-se-á numa superfície esférica. Um enunciado como este parece-me ser tão qualitativo como quantitativo; este último, porque nos diz que cada partícula está aqui e não em alguma outra parte; o primeiro, porque atribui um formato definido, com todas as suas peculiaridades, à nossa distribuição. Uma vez atraída nossa atenção para esse ponto, será difícil, em muitos casos, decidir se um enunciado é quantitativo ou qualitativo. Um corpo desloca-se a uma velocidade constante; genuinamente quantitativa, mas também verdadeiramente qualitativa, e o mesmo acontece seja qual for a espécie de velocidade que atribuímos ao corpo. Assim, quando a velocidade varia com o seno ou o co-seno do tempo, o corpo executa um movimento periódico que, qualitativamente, é muito diferente de um simples movimento de translação.

Destes exemplos concluímos: a descrição quantitativa, matemática, da ciência física, longe de ser o oposto de qualidade, nada mais é do que um modo particularmente preciso de representar a qualidade. Acrescentarei, sem prova, que uma descrição pode ser quantitativa sem que, ao mesmo tempo, seja a mais adequada. Das duas equações analíticas do círculo:  $x^2 + y^2 = r^2$  e  $r = \text{constante}$ , a segunda expressa a qualidade específica do círculo de um modo mais direto e, por conseguinte, mais adequado do que a primeira.

E podemos extrair agora uma lição para a nossa psicologia: ela pode ser perfeitamente quantitativa sem perder seu caráter de ciência qualitativa; e, por outro lado, o que é ainda mais importante no momento presente, ela pode ser imodestamente qualitativa, sabendo que, se as suas descrições qualitativas forem corretas, será sempre

possível, mais cedo ou mais tarde, traduzi-las em termos quantitativos.<sup>3</sup>

*Ordem.* Consideremos agora a “ordem”, o conceito derivado das ciências da vida. Poderemos dar uma definição satisfatória desse conceito? Falamos de uma disposição ordenada dos objetos quando cada um deles está num lugar determinado pela sua relação com todos os outros objetos. Assim, o arranjo dos objetos jogados ao acaso num quarto de despejo não é ordenado, ao passo que o dos móveis da sala de estar o é. Analogamente, falamos de uma marcha ordenada dos acontecimentos (Head) quando cada evento parcial ocorre em seus respectivos momentos particulares, em seus lugares apropriados e de maneira própria. Uma marcha ordenada de acontecimentos é, por exemplo, o movimento das teclas do piano quando um pianista experiente executa uma peça musical; uma mera seqüência de eventos, sem qualquer espécie de ordem, é a que tem lugar quando as teclas são acionadas por um cão que corre sobre o teclado.

“*A Ordem não é uma Categoria Objetiva.*” Ambos os exemplos podem dar azo a uma objeção particular ou levar a uma teoria especial de ordem. Vejamos primeiro a objeção: — Por que motivo — poderia perguntar um oponente a quem, por uma questão de conveniência, chamaremos de Sr. P — você classifica os movimentos das teclas do piano, no segundo caso, de menos ordenados que os do primeiro caso? Eu só posso encontrar uma razão — continua o Sr. P — e é que você gosta mais dos primeiros que dos segundos. Mas esse sentimento subjetivo de preferência não é por certo razão suficiente para apresentar uma distinção pretensamente fundamental e para derivar dessa distinção uma nova categoria científica. E o mesmo vale para o seu primeiro exemplo. Acontece que você gosta da sua sala de estar, mas eu posso muito bem imaginar uma pessoa, digamos, um estranho, chegado de outro planeta, que se sentiria mais feliz no seu quarto de despejo. Atente para seus dois casos, sem qualquer inclinação pessoal; então descobrirá que cada objeto, seja na sala de estar ou no sótão, está ali porque, de acordo com leis mecânicas, não poderia estar em qualquer outro lugar; e assim é no caso de cada tecla posta em movimento de acordo com as severas leis da mecânica, seja pelos dedos de um Paderewski ou pelas patas de um cachorro assustado, correndo sobre o teclado. Mas se as velhas leis mecânicas comuns explicam esses acontecimentos, por que introduzir um novo conceito, o de ordem, que confunde a questão ao criar uma diferença artificial entre processos que, do ponto de vista da mecânica, são essencialmente semelhantes?

(3) Wertheimer expressou uma idéia semelhante numa lição não publicada, da qual Scheerer extraiu sua citação (pág. 272, nota 1).

*Refutação deste Ponto de Vista pelo Vitalismo.* A este argumento, outra pessoa (chamar-lhe-emos Sr. V) poderia responder o seguinte: "Meu caro amigo, é muito generoso de sua parte ignorar seus próprios sentimentos no assunto, pois sei como você é sensível a salas mal mobiliadas e como seu gosto é exigente a respeito de música para piano. Portanto, excluirei da minha resposta a pessoa que, por suposição, está meramente olhando ou vivendo em um dos nossos dois quartos e escutando as duas seqüências de sons, como você acaba de dizer que ela deveria fazer. Mas, assim mesmo, resta ainda uma diferença entre as duas alternativas em cada um dos dois exemplos, e essa diferença é decisiva, dado que se refere ao modo como as disposições e as seqüências foram ocasionadas. No meu suposto quarto de despejo, cada peça foi depositada ao acaso, sem levar em conta a disposição de qualquer das outras. E como, segundo você assinalou, todo e qualquer objeto nesse sótão está onde está de acordo com estritas leis mecânicas, esse quarto de despejo é um excelente exemplo do que as forças mecânicas farão se entregues a si mesmas. Comparemos isso com a nossa sala de estar. Aqui, um planejamento cuidadoso precedeu a movimentação dos móveis e cada peça recebe um lugar que a subordina à impressão do todo. O que importa se uma mesa foi primeiro empurrada demais para a esquerda? Alguém que conheça o plano ou que tenha uma noção direta do efeito pretendido, empurrá-la-á de volta para o seu lugar; do mesmo modo, um quadro torto será endireitado em seu lugar na parede; os vasos de flores serão bem distribuídos, tudo isto, é claro, com a ajuda de forças mecânicas, mas nada pelo efeito exclusivo dessas forças mecânicas. Não preciso repetir meu argumento em relação às duas seqüências sonoras, porquanto sua aplicação é bastante óbvia. Mas a minha conclusão é esta: na natureza inorgânica, você nada mais encontra senão a interação de forças mecânicas cegas mas, quando se trata de vida, encontramos ordem; e isto significa uma nova força que dirige as atividades da natureza inorgânica, dando aos seus impulsos cegos finalidade e rumo e, portanto, ordem." Assim, o Sr. V, ao procurar responder aos argumentos do Sr. P, desenvolveu a teoria a que me referi no início desta discussão. Se recordarmos nosso comentário anterior sobre natureza e vida, não será difícil reconhecer esta teoria como vitalista. De fato, os mais fortes argumentos em favor do vitalismo basearam-se na distinção entre processos ordenados e seqüências fortuitas.

*Solução do Dilema Positivista-Vitalista.* Mas voltemos ao debate entre os Srs P e V. Já vinculamos nossa psicologia a uma rejeição do vitalismo. Mas poderemos ignorar a resposta de V ao argumento de P, sua defesa da distinção entre arranjos e eventos ordenados e desordenados? Não podemos. E isso leva-nos a uma situação embaraçosa: aceitamos a ordem, mas rejeitamos a existência de um fator especial que a produz. Quanto à primeira parte do dilema, seremos

desprezados pelo Sr. P e seus adeptos; quanto à segunda parte, incorreremos na ira do Sr. V. Ambas as reações seriam justificadas se nossa atitude fosse verdadeiramente eclética; nesse caso, pareceria que aceitamos duas proposições mutuamente incompatíveis. Por conseguinte, a tarefa do nosso sistema está claramente definida: devemos tentar reconciliar nossa aceitação e nossa rejeição; devemos desenvolver uma categoria de ordem que esteja livre de vitalismo. O conceito de ordem, em sua forma contemporânea, deriva da observação de seres vivos. Mas isso não significa que a sua aplicação se restrinja à vida. Se for possível demonstrar que a ordem é uma característica dos eventos naturais, estando, portanto, dentro do domínio da física, então poderemos aceitá-la na ciência da vida sem introduzir uma força vital especial e responsável pela criação da ordem. E é exatamente essa a solução que a teoria da Gestalt ofereceu e tentou desenvolver. Aprenderemos, no decurso deste livro, como isso foi realizado. Mas é oportuno sublinhar desde já a função integradora da solução gestaltista. A vida e a natureza não são reunidas pela negação de uma das mais destacadas características da primeira, mas pela demonstração de que essa característica também pertence à segunda. E, graças a essa integração, a teoria da Gestalt contribui para aquele valor de conhecimento a que chamamos reverência pelas coisas animadas e inanimadas. O materialismo efetuou a integração roubando à vida a sua ordem e, por conseguinte, fazendo-nos olhar a vida de forma depreciativa, como apenas uma curiosa combinação de eventos desordenados; se a vida é tão cega quanto a natureza inorgânica, devemos ter por uma tão pouco respeito quanto temos pela outra. Mas se a natureza inanimada compartilha com a vida do aspecto de ordem, então o respeito que sentimos direta e irrefletidamente pela vida estender-se-á também à natureza inanimada.

(Significado), Valor. Abordaremos agora a última das nossas categorias: o significado. O que entendemos por significado é mais difícil de explicar do que os dois conceitos anteriores; entretanto, aqui está uma das raízes mais profundas da teoria da Gestalt, aquela que tem sido menos abertamente exposta ao público de fala inglesa. A razão disso é fácil de compreender. Existe uma coisa a que se pode chamar de clima intelectual; e o clima intelectual, à semelhança do meteorológico, varia de país para país. E assim como o crescimento de uma planta depende do clima físico, também o crescimento de uma idéia depende do clima intelectual em que ela se desenvolve. Não pode haver dúvidas de que os climas intelectuais da Alemanha e dos Estados Unidos são muito diferentes. A tradição idealista da Alemanha é mais do que um caso de escolas filosóficas; ela impregna o espírito alemão e manifesta-se mais abertamente nos escritos e ensinamentos dos representantes das Geisteswissenschaften, as ciências morais. O significado de uma personalidade proeminente na Histó-

re tal: (Harmonia e caos e caos e harmonia)

Reduções

ria, Arte ou Literatura, parece ser, para o espírito alemão, mais importante que os puros fatos históricos que constituem sua vida e obras; o historiador está, freqüentemente, mais interessado na relação entre um grande homem e o plano do universo do que em suas relações com os eventos no planeta. Pelo contrário, na América, o clima é principalmente prático; o "aqui e agora", o presente imediato com suas necessidades, ocupa o centro do palco, relegando assim os problemas essenciais à mentalidade alemã para o domínio do inútil e do inexistente. Na ciência, essa atitude é propícia ao positivismo, à supervalorização dos fatos e à desvalorização das especulações muito abstratas, um elevado respeito pela ciência e a técnica, num plano prático, e uma aversão, por vezes raiando a hostilidade, pela metafísica que tenta escapar do tumulto dos meros fatos para um domínio mais elevado das idéias e ideais.

Portanto, quando se fizeram as primeiras tentativas de apresentar a teoria da Gestalt ao público americano, aquele aspecto que atrairia mais rapidamente o tipo de mentalidade característico do alemão, e que tentei esboçar em suas linhas gerais, foi empurrado para segundo plano; e enfatizaram-se aqueles aspectos que tinham uma influência direta sobre a ciência. Se o procedimento tivesse sido diferente, poderíamos ter incorrido no risco de predispor nossos leitores contra nossas idéias. Vivendo num clima intelectual diferente, eles poderiam ter tomado esse aspecto da teoria gestaltista por misticismo puro e decidido que nada tinham a ver com toda a teoria, antes mesmo de terem tido oportunidade de travar conhecimento com sua importância científica.

No presente momento, porém, quando a teoria da Gestalt foi aceita como um tópico principal de discussão e análise, parece justificado que se anule a antiga restrição e se exponham todos os seus aspectos.

*O Dilema da Psicologia Alemã de Onde Surgiu a Teoria Gestaltista.* Para fazê-lo, reverterei por alguns instantes às origens da nossa teoria e às idéias principais de seu fundador, Max Wertheimer. O que eu disse a respeito do clima intelectual alemão não se aplica à psicologia experimental alemã. Pelo contrário, a psicologia experimental travou um duelo com os psicólogos especulativos e com os filósofos que, com alguma razão, depreciavam suas realizações e afirmavam que a mente, em seus verdadeiros aspectos, nunca poderia ser investigada por métodos científicos, isto é, por métodos derivados das ciências naturais.<sup>4</sup> Como poderiam, assim rezava a argumentação, as leis da sensação e da associação, que então formavam o grosso da psicologia científica, explicar algum dia a criação ou a fruição de uma obra de arte, a descoberta da verdade, ou o desen-

(4) Uma boa descrição deste aspecto da psicologia alemã é dada por Klüver.



volvimento de um grande movimento cultural, como o da Reforma? Os fatos para que esses adversários da psicologia científica apontavam e os fatos que os psicólogos experimentais investigavam eram, na realidade, tão distintos e estavam tão distantes uns dos outros que mais pareciam pertencer a universos diferentes; e nenhuma tentativa estava sendo feita, pela psicologia experimental, para incorporar os fatos mais amplos em seu sistema, que se baseava nos fatos menores; pelo menos, nenhuma tentativa que apreciasse devidamente os fatos mais amplos.

Ponderando agora, em retrospecto essa situação, somos forçados a adotar uma atitude semelhante à que tomamos a respeito da controvérsia materialismo-vitalismo. Devemos admitir que as críticas dos filósofos eram bem fundadas. Não só a psicologia exauria seus esforços em investigações triviais, não só se estagnara a respeito dos problemas sobre que realmente trabalhava, mas insistia em sua afirmação de que possuía a única chave para solucionar esses problemas, enfatizados pelos filósofos. Assim o historiador estava certo quando insistia em que nenhuma lei de sensação, associação ou percepção — de prazer ou desprazer — poderia explicar uma decisão como a de Júlio César para cruzar o Rubicão, com suas momentosas conseqüências; que, de um modo geral, seria impossível incorporar os dados da *cultura* aos sistemas psicológicos correntes, sem destruir ao mesmo tempo o verdadeiro significado de cultura. Pois a cultura, diriam eles, não só possui existência, mas também significado e valor. Uma psicologia que não tenha lugar para os conceitos de significado e valor não pode ser uma psicologia completa. Na melhor das hipóteses, poderá fornecer uma espécie de subestrutura, tratando do aspecto animal do homem, sobre a qual deve ser construído o edifício principal, que alberga seu aspecto cultural.

Por outro lado, não podemos desprezar a atitude assumida pela psicologia experimental. Sua posição era a seguinte: durante sucessivas eras, a psicologia tinha sido tratada da maneira que os filósofos e historiadores afirmavam ser a única legítima, resultando daí o fato de ela nunca se ter convertido numa verdadeira ciência. Coisas perspicazes, até profundas, podiam ter sido ditas sobre as atividades superiores do homem pelos filósofos especulativos e historiadores “compreensivos”, mas todas essas sentenças evidenciavam o cunho das personalidades de seus autores; elas não podiam ser verificadas, nem produzir um sistema científico. A ciência quer uma explicação em termos de causa e efeito, mas a espécie de psicologia a que eles se opunham fornecia explicações em termos de motivos e valores. Isto, asseveravam os psicólogos experimentais, não era explicação alguma, visto que o trabalho deles se preocupava com verdadeiras teorias causais. Se, de momento, não incluía ainda os aspectos culturais, isso devia-se unicamente ao fato de ser muito jovem. Mas

EXPLICAÇÃO e COMPREENSÃO 31

um edifício tinha de ser levantado a partir dos alicerces, e não do telhado. "Psicologia de baixo para cima" era o seu *slogan*. E há muito a dizer em favor dessa atitude. Se acreditamos que as ciências, naturais e morais, não são uma mera coleção de atividades humanas independentes, com alguns indivíduos fazendo uma espécie de jogo, outros outra, mas que todas elas são ramos de uma ciência abrangente, então deveremos exigir que os princípios explicativos fundamentais sejam os mesmos em todas elas.

Assim, o dilema da psicologia era este: por um lado, estava na posse de princípios explicativos, na acepção científica, mas esses princípios não resolviam os mais importantes problemas da psicologia, os quais se mantinham, pois, fora do seu âmbito; por outro lado, tratava desses mesmos problemas, mas sem princípios científicos explanatórios; compreender tomou o lugar de explicar.

*A Solução de Wertheimer Para o Dilema.* Esse dilema deve ter preponderado no espírito de Wertheimer, mesmo quando ele ainda era estudante. Percebendo os méritos e defeitos de ambos os lados, ele não podia aderir a um nem a outro, mas tinha de tentar descobrir uma solução para essa crise aguda. Nessa solução, dois princípios não podiam ser sacrificados: os princípios de ciência e de significado. E, no entanto, eram justamente os dois que estavam na origem de toda a dificuldade. O progresso científico ocorre, com muita frequência, por um reexame dos conceitos científicos fundamentais. E Wertheimer dedicou seus esforços a esse reexame. Suas conclusões podem ser enunciadas em poucas e simples palavras, embora exijam uma radical mudança dos nossos hábitos de pensamento, uma mudança em nossa filosofia mais essencial. Explicar e compreender não são formas diferentes de lidar com o conhecimento, mas fundamentalmente idênticas. E isso significa: uma conexão causal não é uma simples seqüência fatural a ser memorizada, como a ligação entre um nome e um número de telefone, mas é inteligível. Vou buscar em Wertheimer (1925) uma analogia. Suponha-se que entramos no Paraíso, com toda a nossa curiosidade científica, e encontramos miríades de anjos empenhados em fazer música, cada um deles tocando seu próprio instrumento. Nossa formação científica tentar-nos-ia a descobrir alguma lei nesse alarido celestial. Dispor-nos-íamos então a observar regularidades tais que, quando o anjo A tocasse *dó*, o anjo C tocaria *ré*, depois o anjo M um *fá*, e assim por diante. Se fôssemos bastante persistentes e dispuséssemos de tempo suficiente, poderíamos descobrir uma fórmula que nos possibilitasse determinar a nota tocada por cada anjo, em cada momento do tempo. Muitos filósofos e cientistas diriam que, nesse caso, tínhamos explicado a música celeste, que havíamos descoberto a sua lei. Essa lei, porém, nada mais seria que um enunciado fatural; seria prática, tornando possíveis as predições, mas não teria significado algum. Por

outro lado, poderíamos tentar ouvir a música como uma grande sinfonia; nesse caso, se tivéssemos dominado *uma* parte, saberíamos muita coisa sobre o todo, mesmo que a parte por nós dominada nunca mais se repetisse na sinfonia; e se, finalmente, conhecêssemos o todo, deveríamos estar aptos a resolver o problema solucionado pela nossa primeira tentativa. Mas, então, seria de significado secundário e derivativo. Ora, se os anjos estivessem realmente tocando uma sinfonia, a nossa segunda abordagem seria a mais adequada; não só nos diria *o que* cada anjo estava executando, em qualquer momento dado, mas *por que* o fazia. Toda a execução seria significativa, assim como o nosso conhecimento a respeito.

Substitua-se o Paraíso pelo Universo e a música dos anjos pelas ocorrências universais, e aí teremos a aplicação ao nosso problema.

A interpretação positivista do mundo e nosso conhecimento dele nada mais são do que *uma* possibilidade; mas existe outra. A questão é: qual é realmente verdadeira? Significado, alcance, valor, como dados da nossa experiência total, sugerem-nos que a segunda tem, pelo menos, tão boas probabilidades de ser verdadeira quanto a primeira. E isto significa: longe de sermos compelidos a banir conceitos tais como significado e valor da psicologia e da ciência em geral, devemos usar esses conceitos para um completo entendimento da mente e do mundo, o qual seja, ao mesmo tempo, uma explicação total.

### **○ Princípio Comum na Discussão Precedente**

Discutimos quantidade, ordem e significado a respeito de suas contribuições para a ciência em geral e a psicologia em particular. Extraímos nossas categorias de uma ciência diferente, mas afirmamos que, apesar da diferença de suas origens, todas elas são universalmente aplicáveis. E, de fato, no nosso tratamento das questões envolvidas em cada uma das nossas três categorias, encontramos o mesmo princípio geral: para integrar quantidade e qualidade, mecanismo e vitalismo, explicação e compreensão ou entendimento, tínhamos de abandonar o tratamento de certo número de fatos separados em favor do exame de um grupo de fatos em sua forma específica de conexão. Só assim a quantidade podia ser qualitativa, e a ordem e o significado podiam salvar-se de ser introduzidos no sistema da ciência como novas entidades, os privilégios da vida e da mente, ou então rejeitados como meras ficções.

### **Generalidade da Categoria Gestalt**

Estamos afirmando, pois, que todos os fatos estão contidos nessas unidades ou grupos interligados, de modo que cada quantificação

é uma descrição de verdadeira qualidade, cada complexo ou seqüência de eventos um fenômeno ordenado e significativo? Em suma, afirmamos que o universo e todos os eventos nele contidos formam uma grande Gestalt?

Se o fizéssemos, estaríamos sendo tão dogmáticos quanto os positivistas, ao dizerem que nenhum evento é ordenado nem significativo, ou os que asseveram que a qualidade é essencialmente diferente da quantidade. Mas, assim como a categoria de causalidade não significa que qualquer evento esteja casualmente ligado a qualquer outro, também a categoria de Gestalt não quer dizer que quaisquer dois estados ou eventos pertençam a uma Gestalt. "Aplicar a categoria de causa e efeito significa descobrir que partes da natureza se encontram nessa relação. Analogamente, aplicar a categoria gestalt significa descobrir a que partes da natureza pertencem, como partes, a todos funcionais, descobrir suas respectivas posições nesses todos, seu grau de relativa independência e de articulação dos todos maiores em subtodos." (Koffka, 1931b.)

A ciência encontrará gestaltes de diferente ordem em diferentes domínios, mas nós afirmamos que toda e qualquer gestalt tem ordem e significado, em maior ou menor grau, e que, para uma Gestalt, quantidade e qualidade são a mesma coisa. Ora, ninguém negaria hoje que, de todas as gestaltes que conhecemos, as mais ricas sejam as da mente humana; portanto, é sumamente difícil e, na maioria dos casos, ainda possível expressar sua qualidade em termos quantitativos mas, ao mesmo tempo, o aspecto de significado torna-se mais manifesto aí que em qualquer outra parte do universo.

### Por Que Psicologia?

A psicologia é uma ciência muito insatisfatória. Comparando o vasto corpo de fatos sistematizados e reconhecidos na física com os da psicologia, seria lícito duvidar da conveniência de ensinar a segunda a alguém que não pretenda tornar-se psicólogo profissional. Poder-se-ia até duvidar da conveniência de formar psicólogos profissionais. Mas quando consideramos a contribuição potencial que a psicologia pode dar à nossa compreensão do universo, essa atitude pode ser mudada. A ciência divorcia-se facilmente da vida. O matemático necessita de uma fuga do ar rarefeito de suas abstrações, por mais belas que sejam; o físico quer deleitar-se em sons macios, suaves e melodiosos, que parecem revelar mistérios ocultos sob a cortina de ondas e átomos e equações matemáticas; e até o biólogo gosta de desfrutar das cabriolas e folguedos de seu cão aos domingos, sem que o estorve a sua convicção dos dias de semana de que, na realidade, essas cabriolas nada mais são que cadeias de reflexos mecânicos. A vida converte-se numa evasão à ciência, a ciência num

jogo. E, assim, a ciência abandona seu propósito de tratar a existência em seu todo. Se a psicologia puder apontar o caminho onde a ciência e a vida hão de se encontrar, se ela puder estabelecer as bases de um sistema de conhecimento que contenha o comportamento de um único átomo, assim como de uma ameba, de um rato branco, de um chimpanzé e de um ser humano, com todas as curiosas atividades deste último, a que chamamos conduta social, música e arte, literatura e teatro, então o conhecimento dessa psicologia valeria a pena e compensaria o tempo e o esforço consumidos em sua aquisição.